

DENÚNCIA X ANUNCIO NO CONSTRUTO DA INTEGRALIDADE DO SER DE MULHERES SURDAS NA/DA AMAZÔNIA TOCANTINA.

Waldma Maíra Menezes de Oliveira ¹
Sandro Soares Rodrigues ²

RESUMO

O ser humano vai construindo-se enquanto sujeito na relação com o outro e com o mundo, em um dado território, em um tempo histórico, vivenciando uma dada cultura. Ciampa (1998) descreve que a identidade é construída na relação social com o outro, assim a coloca em dois eixos conceituais: a identidade pressuposta e a identidade metamorfose. Com isso o autor elucida que a identidade pressuposta é considerada como dada e não como a identidade metamorfose construída num processo social, histórico e contínuo de construção. Neste artigo, apresenta-se um recorte da tese de Oliveira (2023) com objetivo de denunciar as identidades pressupostas, em uma dimensão colonial, atribuídas a duas mulheres surdas e anunciar a construção de suas identidades metamorfoses, em uma perspectiva de giro decolonial. A pesquisa caracterizou-se como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, sendo utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, com foco teórico das narrativas de vida descritas no Círculo Dialógico Cultural. As entrevistadas da pesquisa ilustraram a construção de suas identidades por meio do processo dialético da denúncia das opressões sofridas – capacitismo, machismo, racismo e opressão de classe –, que conferiam a eles o não-lugar e o selo de inferioridade para o anúncio do vir-a-ser sujeitos surdos em territórios, culturas e relações interpessoais outras. Durante os círculos dialógicos culturais, fica nítido que as identidades pressupostas dada a Gladis e Shirley não se restringem aos ataques e às práticas capacitistas, mas envolvem também questões de gênero. As opressões atravessam os corpos das mulheres de forma diferente, por isso faz-se necessário pontuar que mulher não é uma palavra homogênea, mulher tem suas particularidades e especificidades. Elas são diversas e plurais, são mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres transexuais e travestis, mulheres lésbicas bissexuais, mulheres com deficiências e mulheres surdas.

Palavras-chave: Mulheres Surdas, Identidades Pressuposta e Metamorfose, Integralidade do Ser, Amazônia Tocantina.

INTRODUÇÃO

O ser humano vai construindo-se enquanto sujeito na relação com o outro e com o mundo, em um dado território, em um tempo histórico, vivenciando uma dada cultura. Nesse contexto, não há uma identidade essencialista, homogênea e pressuposta, ao contrário, identidade é vida, é integralidade. Uma identidade é, a um só tempo, todos os elementos que formam o sujeito e todas as suas relações inter-humanas, como uma

¹ Professora Pós- Doutora do Programa de Pós-graduação em Educação e Cultura (PPGEDUC) e Diretora da Faculdade de Educação do Campo da Universidade Federal do Pará – Campus Cametá. Pará, Brasil. Email: waldma@ufpa.br

² Professor Mestre em Filosofia da Faculdade de Educação do Campo do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal. Castanhal, Pará, Brasil. E-mail: sandrosoaresrod@hotmail.com



conjunção de sentidos e de significações em que esse ser é lido e interpretado. Na integralidade do ser, não há quebra ou fragmentação desse corpo.

Todavia, não se pode negar que há um olhar e uma ação presente na norma colonial, “[...] que cria e reifica identidades como meio de administrar povos e estabelecer hierarquias entre eles” (Alcoff, 2016, p. 137). O sujeito Surdo, em uma dimensão colonial, não foi pensado a partir de si, mas sim, em comparação ao outro, ou seja, a pessoa sem deficiência – ouvinte – a qual fabricou uma identidade pressuposta.

A identidade pressuposta é dada ao indivíduo. Pauta-se na desvalorização, no desinteresse, no não reconhecimento e na não aceitação do outro. Não compreende o outro enquanto ser histórico que intervém direta e indiretamente no mundo. É uma política reducionista que fomenta a inferioridade das identidades para oprimir uns e privilegiar outros.

Ao sujeito surdo foi pressuposta uma identidade pautada em corpos incompletos e na diferença linguística, esquecendo-se de ampliar os olhares para os outros elementos formativos identitários. Sendo assim, cristalizaram-se e fragmentaram-se as identidades desses sujeitos ora no campo da deficiência ora da diferença.

Entretanto, a identidade do sujeito surdo não pode ser oferecida pelo outro. Ao contrário, faz-se necessário percebê-la na inteireza do ser. A construção de sua identidade é atravessada pelas relações e condições sociais, culturais e históricas, pela deficiência, pela língua e por diferenças de classe, raça e gênero, ou seja, em uma construção contínua e metamorfose.

Nesse sentido, a identidade metamorfose, na perspectiva de Ciampa (2005), vai se construindo diariamente em um processo constante de relações, de historicidade, de mudanças e de perspectivas dia a dia. A identidade do sujeito surdo metamorfoseia-se nas suas relações estabelecidas com os outros. Os sujeitos são agentes de sua própria construção. São atravessados e atravessam o meio nas relações.

Portanto, a construção da identidade do sujeito Surdo não é, apenas, uma construção linguística e/ou biológica, é uma construção biossocial. O desenvolvimento do ser humano é um processo dialético complexo que envolve diversas funções. Desse modo, percebe-se que “a construção da identidade não é domínio específico de um elemento formativo, mas sim da integralidade de todos e das relações interativas e dialógicas dos sujeitos” (Oliveira, 2023, p. 253).

Neste artigo busca-se responder: quais são as denúncias e os anúncios no construto das identidades de mulheres surdas na/da Amazônia tocantina? O objetivo geral deste



estudo é denunciar as identidades pressupostas, em uma dimensão colonial, atribuídas a duas mulheres surdas e anunciar a construção de suas identidades metamorfoses, em uma perspectiva de giro decolonial.

METODOLOGIA

Caracterizou-se como uma pesquisa de campo de abordagem qualitativa, sendo utilizado um roteiro de entrevista semiestruturada, com foco teórico das narrativas de vida descritas no Círculo Dialógico Cultural (CDC)³. Entrevistou-se 02 (duas) mulheres, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 – perfil dos entrevistados

Nome fictício	Idade	Sexo	Escolaridade	Município	Libras	Trabalha
Shirley	23	Feminino	Ensino superior incompleto	Igarapé-Miri	Fluente em Libras	Sím
Gladis	33	Feminino	Ensino médio completo	Oeiras do Pará	Fluente em Libras	Não

Fonte: Elaboração própria, 2025.

Os critérios éticos foram respeitados nesta pesquisa⁴ e as entrevistadas foi solicitada a confirmação e assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Na análise dos dados trabalhou-se com a análise de conteúdo (Bardin, 2010).

SINALIZAÇÃO DA DENÚNCIA AO ANÚNCIO DA INTEGRALIDADE DO SER SURDO

Denúncia das identidades pressupostas

As identidades pressupostas⁵ dadas as entrevistadas Gladis e Shirley, sinalizadas em suas narrativas de vida, ilustram as opressões coloniais fabricadas pela modernidade/colonialidade. É notório que as opressões sofridas por elas não se restringem à deficiência e à diferença linguística. Há uma pluralidade das diferenças em uma perspectiva de inferioridade e de discriminação.

³ O Círculo Dialógico Cultural (CDC) constitui-se enquanto técnica metodológica decolonial, propondo uma prática investigativa enraizada no diálogo como instrumento de mediação entre o pesquisador e o participante da pesquisa. (Oliveira, 2023, p. 172).

⁴ A pesquisa foi submetida e aprovada no comitê de ética na Plataforma Brasil, conforme Parecer Consubstanciado nº 4.106.647, datado em 23/06/2020.

⁵ Nas palavras de Ciampa (2005, p. 169), “uma identidade pressuposta, que assim é vista como algo dado (e não se dando continuamente através da reposição). Com isso, retira-se o caráter de historicidade da mesma [...]”.



Da mesma forma que as identidades são construídas pelos elementos formativos e pelas relações sociais que o sujeito realiza, as opressões se encontram e andam de mãos dadas. Um sujeito surdo pode sofrer dupla, tripla ou várias opressões pela sua condição social, pelo seu território, pela sua cultura, pela sua língua, pelo seu gênero, pela sua classe, pela sua raça, pela sua religiosidade e por tantos outros fatores de identificação.

Portanto, as opressões atravessam os corpos dos sujeitos surdos para além da língua e/ou da deficiência. As identidades pressupostas atribuídas aos entrevistados da pesquisa ilustram uma pressuposição de um corpo mudo, burro, incapaz, isolado, bobo, que possui uma voz feia, que cola do ouvinte. Dito de outro modo, um sujeito de ausência e de limitações. Apresentam-se em uma base estrutural e sistêmica de opressão presente na colonialidade do ser, como: capacitismo e machismo

O capacitismo atribui à Pessoa com Deficiência (PCD) um selo de inferioridade, por entender que a deficiência retira a capacidade social, linguística, cognitiva e interacional da pessoa (Oliveira, 2023). Durante a realização do (CDC), Gladis e Shirley sinalizaram as identidades pressupostas atribuídas a elas presentes no capacitismo:

Às vezes, as pessoas me veem de uma forma preconceituosa, me comparando a uma pessoa burra por não saber falar ou não saber compreender, porque entendem que ser surdo é ser burro, a surdez ainda está vinculada à ideia de que o surdo não é capaz. Também o surdo fica isolado ele não compreende a fala oral (Entrevistada Gladis, grifo nosso).

Gladis relata a identidade pressuposta pela sociedade, *burra-por-não-saber-falar-isolada-incapaz*, pois há uma representação colonial e capacitista sobre os sujeitos surdos. Assim “olham a surdez como a ausência da fala. ‘Não ter a fala’ pressupõe, em uma sociedade oral, a mudez; dito de outro modo, pressupõe ‘ausência’ de pensamento ou, pelo menos, pressupõe que o surdo não tem o que dizer” (Lopes, 2007, p. 51).

Shirley destaca que a pior acusação sofrida por ser surda refere-se à associação da surdez à ausência de capacidade cognitiva. Em suas palavras: “a pior acusação foi um professor pensar que eu sou burra porque sou surda; que não consigo fazer as coisas sozinha; que eu não tenho conhecimento; que sou incapaz” (Entrevistada Shirley).

A mulher com deficiência apresenta dupla diferença pela questão do Gênero e da deficiência e sofre dupla opressão pelo machismo e pelo capacitismo. Segundo Scott (1990, p.14), “o gênero é um elemento construtivo de relações sociais baseado nas diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder”.



Para Drumont (1980, p. 81) “o machismo é definido como um sistema de representações simbólicas que mistifica as relações de exploração, de dominação, de sujeição entre o homem e a mulher”. Pelas opressões do machismo e do capacitismo, as mulheres com deficiência possuem maior dificuldade do que as demais mulheres para introduzir-se na educação básica, nas universidades, na qualificação profissional e no mercado de trabalho.

Costa, Oliveira e Klein (2021) problematizam a condição da mulher surda e a violação de seus direitos, como: a falta de interpretação nos espaços públicos na área da saúde, da educação e em outros setores; falta de acesso ao mundo do trabalho. Mulheres surdas “têm 1,5 vezes mais chances de serem vítimas de assédio sexual, agressão sexual, abuso psicológico e abuso físico do que as ouvintes” (Krause, 2017, p. 5 *apud* Costa; Oliveira; Klein, 2021, p. 6).

Somando-se a isso, as autoras destacam a representação social do lugar que a mulher surda deveria ocupar. Historicamente as mulheres surdas foram marginalizadas, discriminadas e oprimidas pela tutela do capacitismo e do machismo. Foram proibidas de trabalhar e receberam uma educação precária.

No CDC, ocorreram narrativas sinalizadas sobre o desafio de ser mulher surda. Na narrativa de Shirley, destacam-se as implicações de ser mulher surda empreendedora: *“É difícil ter loja. As pessoas olham uma surda trabalhando e ficam admiradas. Às vezes, sinto que as pessoas julgam que não sou capaz por ser surda e por ser mulher”* (Entrevistada Shirley, grifo nosso).

Na narrativa sinalizada de Shirley, há uma identidade pressuposta que a sociedade faz sobre *uma mulher surda empreendedora*, de admiração ou espanto por uma “pessoa nessa condição” ocupar um lugar de poder, antes ocupado por empreendedores homens, brancos e ouvintes. É notório que a sociedade machista e capacitista não está acostumada a visualizar essa posição hierárquica sendo ocupada por mulheres surdas.

Muitas mulheres surdas sobrevivem na informalidade e na dependência financeira dos pais. Essa situação é experienciada por Gladis:

Eu não gosto do meu padrasto. Ele sempre implica comigo por eu não ter trabalho. Eu ajudo em casa. Ele me acha burra, porque já coloquei meu currículo em lojas e não fui chamada. Ele diz que só sirvo para cuidar da casa, já que não tenho trabalho. Eles brigam por minha causa e eu fico triste (Entrevistada Gladis, grifo nosso).

Ainda, no âmbito identitário gênero e surdez, destaca-se a narrativa de Gladis pela ausência de um trabalho formal – seu padrasto atribui a ela a identidade pressuposta



de *burra-não-trabalha-só-serve-para-cuidar-da-casa*. Percebe-se nessa exposição 3 (três) pontos necessários para análise: 1. não conseguir trabalho estar associado ao fato de ela ser burra e não da sociedade ser excludente e capacitista; 2. o não reconhecimento do trabalho feito por ela em casa como um trabalho; e 3. o machismo presente na fala do padrao *só serve para cuidar da casa*. É notório que as opressões que subalternizaram as histórias das mulheres surdas – Gladis e Shirley – perpassam pela opressão sistêmica e colonial do capacitismo e do machismo.

Anúncio das identidades metamorfoses

A humanização do ser humano perpassa pelo reconhecimento de sua vocação ontológica, de ser visto e entendido como um ser inconcluso e, por essa condição, como um *ser de busca*, que procura na relação com outro se fazer sujeito mediatizado pelo mundo. A integralidade do ser reconhece que o ser humano não é sozinho, pois ele é constituído pelo outro e ele constitui o outro, portanto homens e mulheres se formam sujeitos na dimensão relacional-social.

Para tanto, o tornar-se sujeito apresenta-se em uma ação dialética, na denúncia das opressões sofridas, pelos cortes de diferença e pelo anúncio da humanização no combate a elas e no assumir-se “enquanto sujeito da própria assunção” (Freire, 1996, p. 41). A denúncia da opressão é a ilustração da diminuição e da integralidade do ser humano. Na perspectiva freireana, a opressão é todo ato proibitivo de ser sujeito seja ela pela classe, raça, gênero seja qualquer outro corte de diferença. Portanto, é necessário que se reconheça e compreenda-se a “[...] importância da posição de classe, de sexo e de raça para a luta da libertação” (Freire, 2001, p. 46).

A colonialidade do ser tem, em alguns casos, criado identidades ao fazer uso dos cortes de diferença para reconhecer os que são e os que não-são sujeitos, produz identidades válidas e legitimadas pelo padrão hegemônico e colonial em um processo hierárquico. Forma-se, assim, conforme Alcoff (2016), uma política identitária que fratura o corpo político e reduz a uma categoria homogênea e divisionista o ser humano, reconhecendo-o em uma única dimensão, em uma identidade “pura”, não em sua totalidade e interseções.

Nas identidades pressupostas atribuídas a Gladis e Shirley, é perceptível que as opressões são simultâneas e conectam-se para desumanizar cada uma das entrevistadas da pesquisa. Ao mesmo tempo que suas identidades são projetadas em uma ótica capacitista,



os corpos das mulheres surdas – Gladis e Shirley – são coisificados pela matriz colonial do machismo.

As opressões não atingem o sujeito em apenas um elemento. Ao contrário, o maquinário colonial é sistêmico e estrutural ao negar, oprimir e coisificar o outro, fazendo uso de todas as estruturas e dimensões que o formam. Nesse ínterim, Freire (2001, p. 46) retrata que “[...] é preciso que evitemos cair na tentação de reduzir a luta inteira a um desses aspectos fundamentais. O sexo só não explica tudo. A raça só, tampouco. A classe só, igualmente”.

Portanto, é profícuo compreender que, ao mesmo tempo que as opressões caminham e agem simultaneamente, o ser humano é uma unidade, uma totalidade. Simultaneamente, ele também é um ser relacional. Possui um gênero, uma raça, uma classe, uma cultura, uma língua, um território. Logo, não deve haver separação ou fragmentação de seu corpo, de sua integralidade do ser.

Neste tópico, serão tratadas as identidades metamorfoses⁶ construídas no decorrer formativo humano das entrevistadas nas relações com os outros e com o mundo, sinalizados nos círculos dialógicos culturais. No encontro com outros, na percepção de si, no reconhecimento das opressões sofridas e combatidas, Gladis e Shirley anunciaram o seu ser, sua transformação e sua assunção.

Assim, entende-se que “o humano é sempre ‘uma porta’ abrindo-se em mais saídas. O humano é vir-a-ser humano. Identidade humana é vida! Tudo que impede vida impede que tenhamos uma identidade humana” (Ciampa, 2005, p. 38). Por meio das narrativas sinalizadas, perceberam-se o fenômeno, a metamorfose e a transformação da vida nos territórios, históricos e sociais que Gladis e Shirley caminharam, relacionaram-se e, por fim, transformaram-se.

No CDC, Gladis e Shirley sinalizaram a construção de suas identidades metamorfoses em contraponto à identidade pressuposta que a sociedade, os colegas de classe e o professor, respectivamente, atribuíram a elas:

Encontrei um professor em um curso de Libras que eu ensinava e ele ficou surpreso de eu estar lá, porque antes ele pensava que eu era burra, mas eu sou inteligente, eu consigo! (Entrevistada Gladis, grifo nosso).

As pessoas me veem como uma pessoa inteligente, porque eu cheguei na universidade, pensam “como uma surda chegou na universidade?”. Depois viram que uma surda é capaz de conseguir. E sim, eu sou capaz!! (Entrevistada Shirley – grifo nosso).

⁶ Ciampa (2005, p. 119) considera identidade metamorfose a partir do “Ser é ser metamorfoseada! A metamorfose é a expressão da vida. Como tal é um processo inexorável, tenhamos ou não consciência dele”.



Ocupar um espaço do saber formal refuta a lógica colonial dada às pessoas com deficiência. Quando um sujeito surdo alcança sucesso no trabalho e na educação, ele rompe com o fundamento capacitista de incapacidade. Assim, quando Shirley é aprovada no vestibular e adentra a universidade, ela prova sua capacidade e refuta o selo de inferioridade concedido a ela em identidade pressuposta.

Quando um sujeito surdo ultrapassa as adversidades e ingressa no Ensino Superior, a lógica capacitista é colocada em xeque, posto que a capacidade do outro foi provada (vestibular) e comprovada sua competência, como descrito nas sinalizações de Shirley: “*como uma surda chegou na universidade?*”. *Depois viram que uma surda é capaz de conseguir*”. Quando Shirley teve sua identidade dada pelo professor, considerada *surda-burra-sem conhecimento-incapaz*, teve sua capacidade avaliada e apresentou com o seu *vir-a-ser surda-universitária-inteligente-capaz*.

A capacidade da pessoa com deficiência foi avaliada e hierarquizada pela matriz colonial. Percebeu-se no outro deficiente suas diferenças e concederam a elas ausência, limitações e incapacidade. A sua capacidade criadora e recriadora foi subestimada; seu conhecimento, desprezado; e sua identidade, atrelada ao selo da inferioridade.

Gladis refuta a lógica colonial capacitista em sua atuação como instrutora de Libras no *Sinalizando na Amazônia Tocantina: curso básico de Libras* no município de Oeiras do Pará⁷. Ela, então, sinaliza: *Encontrei um professor em um curso de Libras que eu ensinava e ele ficou surpreso de eu estar lá, porque antes ele pensava que eu era burra, mas eu sou inteligente, eu consigo!*” (Entrevistada Gladis, grifo nosso).

A identidade pressuposta atribuída a Gladis por seus colegas de classe – *surda-burra- -isolada-incapaz* – é questionada ao encontrar o professor da Educação Básica – aquele que fazia perguntas a ela, mas às quais ela não conseguia responder oralmente, logo o não oralizar associou-se ao não saber – apresentou o seu *vir-a-ser surda-instrutora de libras-inteligente-capaz*.

Ao ocupar o lugar de instrutora de Libras no curso *sinalizando na Amazônia Tocantina*, Gladis pôde ressignificar o olhar e a compreensão dos cursistas ouvintes sobre o sujeito surdo. Pôde também demonstrar que os surdos apresentam capacidade e que podem desempenhar funções no âmbito social e educacional.

Por meio desse encontro, face a face com o seu professor, que agora o *vir-a-ser* torna seu aluno, foi que Gladis transformou sua identidade e provou para si e para o outro

⁷ Realizou-se nos meses de abril a junho de 2019 o *Sinalizando na Amazônia Tocantina: curso básico de Libras* no município de Oeiras do Pará.



que possui capacidades. Assim, refutou o capacitismo e as identidades pressupostas que atravessaram seu corpo ao longo do processo formativo educacional.

Desse modo, as identidades pressupostas enraizadas no capacitismo foram questionadas, ressignificadas e construídas identidades outras, metamorfoseadas, por Shirley e Gladis, ao ocuparem espaços de poder e saber nas universidades (âmbito educacional) e no ensino de Libras nos cursos de Libras (âmbito profissional).

No que tange ao machismo destaca-se o combate através do reconhecimento e afirmação das potencialidades de mulheres surdas. Para Shirley esse combate ocorre mediante ao lugar que ocupa “[...] às vezes, sinto que as pessoas julgam que não sou capaz por ser surda e por ser mulher, **mas eu sou capaz sim. Sou mulher-surda-empREENDEDORA**” (Entrevistada Shirley, grifo nosso). Nota-se que a entrevistada assume uma identidade e rompe com os olhares capacitistas e machistas, assumindo-se enquanto ser histórico e autônomo.

Gladis refuta a identidade pressuposta atribuída pelo seu padrasto. Em seus sinais ela descreve “**eu posso trabalhar em casa, sim. Posso trabalhar ensinando minha língua também. Eu posso!**” (Entrevistada Gladis, grifo nosso). Evidencia-se enquanto mulher-surda-trabalhadora e rompe com as práticas capacitistas e machistas de seu padrasto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As entrevistadas da pesquisa ilustraram a construção de suas identidades por meio do processo dialético da denúncia das opressões sofridas, que conferiam a elas o não-lugar e o selo de inferioridade em uma dimensão colonial, para um giro decolonial que sinaliza o anúncio do vir-a-ser de mulheres surdas capazes, inteligentes e trabalhadoras na/da Amazônia Tocantina.

Durante os círculos dialógicos culturais, fica nítido que as identidades pressupostas dada a Gladis e Shirley não se restringem aos ataques e às práticas capacitistas, mas envolvem também questões de gênero. As opressões atravessam os corpos das mulheres de forma diferente, por isso faz-se necessário pontuar que mulher não é uma palavra homogênea, mulher tem suas particularidades e especificidades. Elas são diversas e plurais, são mulheres negras, mulheres indígenas, mulheres transexuais e travestis, mulheres lésbicas bissexuais, mulheres com deficiências e mulheres surdas.



REFERÊNCIAS

ALCOFF, L. Uma epistemologia para a próxima revolução. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 31, n. 1, p. 129-143, jan./abr. 2016. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-69922016000100007>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/se/a/xRK6tzb4wHxCHfShs5DhsHm/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 25.03. 2025.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2010.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a História da Severina**: um ensaio de psicologia social. São Paulo: Brasiliense, 2005.

COSTA, A. C. B.; OLIVEIRA, W. M. M; KLEIN, M. **Representações sociais de Mulheres Surdas mirienses sobre si**: da invisibilidade ao protagonismo. Revista de Educação PUC-Campinas, v. 26, e215356, 2021. <https://doi.org/10.24220/2318-0870v26e2021a5356>. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/5356/3330> Acesso em: 22 set. 2025.

DRUMONT, M, P. Elementos para uma análise do machismo. In: **Perspectivas**, São Paulo, 1980.

FREIRE, P. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Política e educação**: ensaios / Paulo Freire. 5. ed. São Paulo, Cortez, 2001.

LOPES, M. C. **Surdez e Educação**. Belo horizonte: Autêntica, 2007.

OLIVEIRA, W. M. M de. **Narrativas de vida e pensamento decolonial**: na construção da integralidade do Ser Surdo na Amazônia Tocantina. Tese (Doutorado em Educação) Universidade do Estado do Pará, Belém, 2023, 413f. Disponível em: <https://ccse.uepa.br/ppged/> Acesso em: 25.03. 2025.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1990. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/185058/mod_resource/content/2/G%C3%AAnero-Joan%20Scott.pdf. Acesso em: 25.03. 2025.

